

A LINGUAGEM LITERÁRIA DE JOÃO GUIMARÃES ROSA: uma análise literária do conto “A terceira margem do rio”

FREITAS, Luciana¹

BRASÃO, Heber Junio Pereira ²

SOUSA, Cristina Soares³

ABREU, Maria do Carmo⁴

RESUMO

Introdução: Este trabalho apresenta um estudo na área de Literatura Brasileira, especificamente no que diz respeito à linguagem de Guimarães Rosa. **Objetivo:** identificar e analisar os neologismos no conto de Guimarães Rosa “A terceira margem do rio”. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com consultas em livros, artigos científicos e *sites* da Internet que tratam do assunto. Também foi realizada uma análise linguístico-literária do conto, especialmente no que diz respeito aos neologismos. **Resultados e discussão:** Os resultados mostram que Guimarães Rosa, embora retrate a linguagem do sertanejo, faz isso usando palavras criadas por ele, mas todas com fundamentos na morfologia da Língua Portuguesa. **Considerações finais:** O trabalho atingiu seu objetivo, pois foi possível analisar a riqueza d linguagem de Guimaraes Rosa em seus contos.

Palavras-chave: Literatura. Literatura brasileira. Guimarães Rosa. Neologismos

ABSTRACT

Introduction: This paper presents a study in the area of Brazilian Literature, specifically with regard to the language of Guimarães Rosa, Brazilian author. **Objective:** Identify and analyze the neologisms in short story “The third bank of the river”. **Method:** It is a bibliographic survey, with consultations on books, scientific journals and Internet sites that deal with the subject. A linguistic-literary analysis of the story was also carried out, especially with regard to neologisms. **Results and discussion:** The results show that Guimarães Rosa, although portraying the language of the country man (sertanejo) does so using words created by him, but all based on the morphology of the Portuguese language. **Conclusions:** The work achieved its objective, as it was possible to analyze the richness of the language of Guimaraes Rosa in his short stories

Keywords: Literature. Brazilian Literature. Guimarães Rosa. Neologisms

¹Graduanda em Letras pelo UNIFUCAMP – Centro Universitário Mário Palmério ✉
lucianafreitas@unifucamp.edu.br

¹Coordenador dos Cursos de Ciências Biológicas, Letras e Pedagogia na UNIFUCAMP, Monte Carmelo, MG.

³Coordenadora do Núcleo de Pesquisa do UNIFUCAMP

⁴Professora do Curso de Pedagogia do UNIFUCAMP

INTRODUÇÃO

1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1.1 Linguagem literária x norma culta

A linguagem literária é muito mais livre que a norma culta. Por meio dela, o narrador exprime os eventos, os sentimentos, as características de todos os envolvidos na obra. Como a literatura é a palavra utilizada como arte, os recursos linguísticos empregados no conto são diferentes da linguagem da conversação. É uma linguagem singular, apesar de ter estreita relação com o uso comum das palavras. Mas é plurissignificativa, complexa, conotativa (figurada) e expressa a capacidade criativa do escritor.

A complexidade é uma das principais características da linguagem literária, porque, ela não tem compromisso com os sentidos que comumente são atribuídos às palavras, extrapola o nível semântico. Por esse motivo, o texto literário não é apenas um objeto linguístico, mas também estético. A palavra de significado feita, de acordo com as intenções de quem escreve.

Além disso, a linguagem literária é plurissignificativa, porque pode possibilitar múltiplas leituras e diferentes interpretações.

É uma linguagem figurada, simbólica, conotativa, porque usa as palavras de forma especial. Por meio dela, o artista tem inteira liberdade de criar, de inventar palavras (Guimarães Rosa é mestre nisso) e de proporcionar ao leitor o encantamento diante da palavra tornada arte.

1.2 Estrutura do conto literário

O conto “A Terceira margem do rio” insere-se na categoria literária “conto” por ser uma narrativa curta, que mostra a passagem do tempo de forma rápida sem perder a complexidade.

Segundo Foetsch e Santos (2013), o conto

O conto é uma obra de ficção breve que conduz uma intriga, cujos episódios fluem e fazem o texto ser atraente do começo ao fim. O conto mantém a tensão até o final, pois o desfecho é um elemento importante para criar o efeito desejável. O que caracteriza o conto é a brevidade, o

evitar dos excessos e de tudo que é supérfluo para a trama, além do pouco movimento em suas ações. É recomendável evitar muitos personagens, acontecimentos com muitos detalhes e explicações desnecessárias; o leitor precisa entender rapidamente o que o autor quer dizer em poucas palavras, sem se estender demais para não dispersar a leitura (FOETSCH; SANTOS, 2013, s/p).

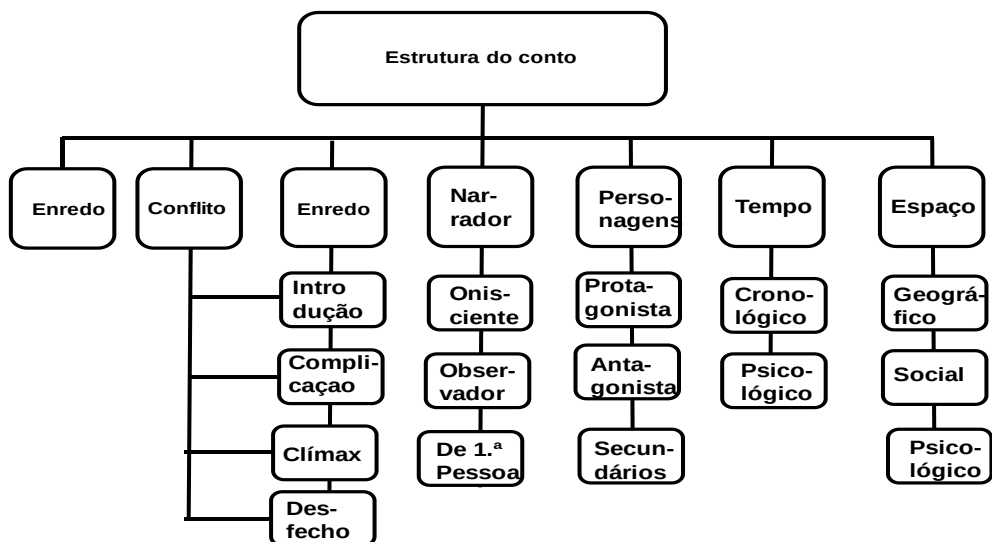
Gotlib (1998) salienta que

[...] o texto deve ser claro – o leitor deve entender, de imediato, o que o autor quer dizer. Deve ser forte- e ter a capacidade de marcar o leitor prendendo-lhe a atenção, não deixando que entre uma ação e outra se afrouxe este laço de ligação. O excesso de detalhes desorienta o leitor, lançando-o em múltiplas direções. E deve ser compacto- deve haver condensação dos elementos. Tudo isto, com objetividade [...] (GOTLIB, 1998, p. 43)

Diversos teóricos da literatura consideram que o conto se compõe das seguintes partes: enredo, narrador, personagens, espaço, tempo. Esses elementos serão analisados no conto “A terceira margem do rio”, na terceira seção deste artigo.

A Figura 1 apresenta as partes que constituem a estrutura do conto literário.

Figura 1 Características do conto literário



Fonte: Organizado pela pesquisadora

O enredo é a história narrada. Nela, organizam-se os fatos em uma sequência lógica de acontecimentos. A narrativa tem que ser coerente e organizar os eventos em uma crescente ordem, de forma a prender o interesse do leitor.

O conflito é a parte mais significativa do conto. É ele que motiva o leitor e o estimula a se envolver cada vez mais com a história. E para que haja essa interação, os fatos se devem a uma estruturação do próprio enredo, com os seguintes elementos:

A apresentação (ou introdução) É o começo da história, na qual o narrador apresenta os fatos iniciais, revela os protagonistas e eventualmente demarca o tempo e/ou espaço. Trata-se de uma parte extremamente importante, que atrai a atenção do leitor e o torna ciente do que vai acontecer.

A complicação é o desenvolvimento da história. A situação inicial é “quebrada” e os eventos são apresentados em um ritmo crescente, até atingir o clímax.

O clímax é a culminância da narrativa, aquele de maior tensão, no qual o conflito atinge seu ponto máximo.

O desfecho apresenta uma solução para o conflito. Pode ser positivo ou negativo, mas deve ser lógico. Esse final muitas vezes surpreende o leitor pode ser trágico, cômico, triste, alegre, entre outras formas.

Como se vê, o conflito e o enredo são elementos similares e as partes de um e de outro se encontram.

O narrador é quem conta a história. Não é o autor, mas alguém criado pelo autor para contar os fatos. Ele pode ser um mero observador dos fatos (terceira pessoa), pode ser onisciente (conhecer os detalhes, até mesmo o pensamento dos personagens), ou pode ser um dos personagens (primeira pessoa).

Os personagens são os atores da história. Existe, quase sempre, um personagem principal (o protagonista), o que se opõe a ele (antagonista, que pode ser um ou serem muitos) e os secundários, que compõem a trama.

O tempo é o momento em que a ação acontece. Pode ser ou cronológico ou psicológico. No tempo cronológico, os eventos são apresentados na ordem natural ordem natural dos acontecimentos, ou seja “[...] delimitado pelos ponteiros do relógio, pelos dias, meses, anos, séculos. Tendem a desencadear uma sequência linear dos fatos” (DUARTE, s/d/). O tempo psicológico é mais complexo: os eventos são apresentados de acordo com a visão do narrador ou dos personagens. É mais emocional, muitas vezes vai e volta do presente ao passado. Um bom exemplo desse tempo psicológico são os 60 minutos em que se aguarda o final de uma cirurgia de alguém querido e que aparece durar anos.

O espaço é local (físico ou psicológico) onde os fatos se desenrolam. Pode ser geográfico (local objetivo), social (como o cortiço descrito por Aluísio Azevedo) ou

mesmo psicológico (por exemplo, em “São Bernardo”, de Graciliano Ramos, a fazenda do mesmo nome é quase um personagem, tamanha a importância que tem na trama. E os espaços podem misturar-se, como em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos.

1.2 O falar mineiro do sertão: características

O escritor mineiro Guimarães Rosa possui um estilo com características típicas da oralidade sertaneja, utiliza sempre neologismo em todo o decorrer da história. Mas ele também acrescenta inovações sintáticas ou semânticas, de acordo com o tema abordado. Para José Carlos Garbuglio (1972), o conto “A Terceira margem do rio” é destinado a fazer tanto uma crítica nacional como estrangeira.

O conto, leva em consideração a forma pelo qual foi estruturado, não nos remete a uma situação, algo do cotidiano. Essa narrativa caminha pelo insólito, é direcionada para a revelação nem sempre racionalmente explicável, voltada para a problemática social, espiritual e também familiar do sertão brasileiro. As variações presentes que reafirmam essa ideia de variação na história são os seres em exceção, com atitudes incomuns, não utilizam as redes sociais, possuem problemas de saúde mental.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica associada com a análise literária do conto “A terceira margem do rio”, de João Guimarães Rosa. Foi também realizada uma análise literária do conto, de acordo com o modelo proposto por diversos teóricos, como René Wellek e Austin Warren.

3. ANÁLISE DO CONTO “A TERCEIRA MARGEM DO RIO”, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

3.1 Biografia de Guimarães Rosa

O escritor brasileiro João Guimarães Rosa, nasceu em 27 de junho de 1908, na cidade de Cordisburgo, interior de Minas Gerais. Morreu aos cinquenta e nove anos, no Rio de Janeiro, no dia 19 de novembro de 1967. Estudou em Belo Horizonte e se formou em medicina, através de um concurso público virou capitão médico da Força Pública do

Estado de Minas Gerais. Estreou na literatura com a publicação do conto “O mistério de Highmore Hall”, na revista *O cruzeiro*, em 1929.

Em 1934, fez o concurso público e tornou cônsul, atuou em Hamburgo, em Bogotá, em Paris. Como escritor foi especialmente celebrado pela criação da obra-prima *Grande Sertão: Veredas*, publicado em 1926. Eleito em 6 de agosto de 1963, Guimarães Rosa foi o terceiro ocupante da Cadeira número 2 da Academia Brasileira de Letras.

3.2 Estilo de época em que o conto se insere

A obra de Guimarães Rosa está inserida no Modernismo, especificamente na terceira fase intitulada como fase Pós-Modernista (1945-1960), escola literária surgida no início do século XX. Neste período, inúmeras eram as formas de pensamento, mas nem todas concordavam entre si, suas correntes faziam rupturas com os padrões tradicionais, com uma postura experimentalista, valorização do cotidiano, busca e a reconstrução da identidade. A presença na prosa do regionalismo, com ênfase na realidade sertaneja, de uma família que mora no interior as margens de um rio.

3.3. Análise do título

À primeira vista, parece haver uma incoerência do autor, pois todos sabemos que o rio só tem duas margens, a direita e a esquerda. Mas, para se entender esse título, é necessário perceber que a viagem empreendida pelo pai do personagem é uma metáfora. Ele construiu uma canoa e saiu de casa em busca de um sentido para sua vida. E o fato de sempre subir e descer o rio, infinitamente, é uma metáfora para sua busca existencial.

O rio é a vida e a terceira margem é o fundo. Dessa forma, o pai do personagem (e todos nós, de igual forma) buscava entender o significado de viver, o que, parece, ele nunca encontrou. É muito triste pensar que ele abandonou sua família, esposa e filhos, que sofreram a ausência paterna por toda a vida, mas a busca existencial é sempre solitária. Nascemos sós, também sós morremos e o sentido da vida é individual.

A partir da análise do título: “A terceira margem do rio”, é possível observar o reflexo de imagens presentes na leitura do conto, que instiga o leitor a imaginar e raciocinar o porquê de o rio ter três margens. No mundo real, o rio possui duas margens, a esquerda e a direita. Mas quando é usado o termo “terceira” ele automaticamente quebra esse conceito, foge da realidade e parte para algo metafórico, ao ser considerado como simbólico e não como um numeral ordinal ao qual deveria ser. A simbologia desse

número no conto deixa transparecer a ideia central da história, definindo-se como totalidade.

3.4 Resumo do conto

O conto “A Terceira margem do rio” é narrado em primeira pessoa por um narrador personagem e observador, filho do personagem principal. Ele era criança quando o pai decidiu partir e nunca entendeu os motivos dele. Narra as histórias, as vivências dele e de sua família, que era uma constituição familiar aparentemente normal.

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu.

Observe-se que o narrador, logo no início, coloca o conflito: o pai era um cumpridor (de seus deveres), pacífico e positivo, embora calado, quieto. Dominado pela esposa, não parecia ser capaz de rebelar-se.

Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa. Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos.

O autor não nomeia seus personagens, qualifica-os de forma genérica da forma em que é chamado pelo narrador-filho, “nosso pai”, “nossa mãe”, “minha irmã”, meu irmão”. O pai é descrito pelo personagem-filho como “homem cumpridor, ordeiro, positivo”, não aparentava qualquer transtorno. Já a mãe era quem mais trabalhava “era quem regia, ralhava no diário com a gente, minha irmã, meu irmão e eu”, o filho narrador personagem da história, não consegue compreender a decisão peculiar de seu pai, em mandar construir uma canoa, sem comunicar a família.

A canoa encomendada deveria ser especial de madeira especial, feita sob medida para caber somente o remador, deveria durar na água uns vinte a trinta anos. A casa onde moravam situava-se às margens de um rio “grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da beira”.

Nesse trecho, era possível observar uma ligeira semelhança entre o pai e o rio, pois ambos nada diziam, viviam calados. A canoa ficou pronta, o pai decidiu então partir com a embarcação.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalcou o chapéu e decidiu um adeus para a gente, nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez alguma recomendação.

A mãe pálida, não teve nenhuma reação, nem esbravejou. Disse somente

““Cê vai, ocê fique, você nunca volte!”

Observe-se o uso do pronome de tratamento, cada vez mais formal (cê/ocê/você), que marca o nível de mágoa, de irritação da esposa diante da decisão do marido

O pai nada respondeu, guardou as respostas para si, com um gesto se despediu do filho e, quando ele então quis acompanhá-lo, ele o empurrou para trás, entrou na canoa e foi-se a remar. Sua sombra na canoa parecia um jacaré rio adentro, o pai então passa de um lugar a outro não existente, deixando para trás somente a sua sombra. Ele não voltou, não havia explicações para tamanha decisão, permanecia dentro da canoa, no meio do rio.

Diante do momento vivido pela família, o acontecido gerou tamanha estranheza na comunidade, pela falta de respostas. Vizinhos, parentes, e conhecidos se reuniram para tentar trazê-lo de volta para a margem, mas em nada resultou. Ele permanecia no mesmo lugar, sozinho e sofrendo o desgaste dos anos e do tempo.

O filho então passou a levar matula e trouxas ao seu pai, escondido de sua mãe. Enquanto a mãe chamou o irmão para tomar conta das finanças da fazenda, um mestre para as crianças, o padre dois soldados e jornalistas vieram tentar fazer com que ele voltasse. Mas, em nada resultou.

A irmã se casou, teve um filho e quis ir mostrá-lo ao pai. Foram todos da família para a beira do rio e gritaram para que ele voltasse, mas de nada adiantou. A partir daí, a filha decidiu mudar para longe e sua mãe a acompanhou, seu irmão também se mudou, ficou apenas o filho narrador do conto. O momento em que foram mostrar o neto ao avô, foi também de despedida, para que cada um então pudesse seguir um novo caminho. Já o filho narrador permanece no mesmo lugar, no intuito de que o pai ainda precisaria dele, ele ainda está em busca de um sentido para sua vida, e o protagonista mostra que a que a vida é apenas um demoramento do tempo, de uma morte subentendida no conto.

Anos se passaram, e então o filho passou a sentir que tinha que trocar de lugar com seu pai e dar continuidade a sua missão, mas ele não conseguiu vencer esse desafio,

pelo medo, quando observou a presença do vulto do pai vindo em sua direção. Quando o pai em um gesto se levantou, o filho assustado não conseguiu terminar o que começou e saiu correndo assustado. A possibilidade de troca de lugar agora parece impossível, quando ele acredita suprir essa falta que o falta do pai lhe causa. Ele sofre uma melancolia da qual não consegue superar e nem menos seguir adiante.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rastos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.

3.5 Personagens

Os personagens exercem a função mais importante de um texto, são as principais peças formadoras de um enredo. No conto, há uma predominância de personagens primários e secundários. Os primários possuem o papel de destaque na história, como é o caso do pai, do filho narrador, e do rio, que não é apenas o local, mas se torna personagem do enredo, uma metáfora para a vida. Já os personagens secundários não se destacam tanto quanto os primários, mas possuem a função de suporte para a história, é possível exemplificar com os personagens da mãe, irmã, irmão, parentes, vizinhos e dentre outros.

São atribuídos nomes genéricos a esses personagens do conto, são esses: filho (narrador personagem), pai (vivara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, magro, ficado preto do sol e dos pelos, com aspectos de bicho, conforme quase nu), mãe, irmã, irmão, tio (irmão da mãe), mestre, padre, dois soldados, jornalistas, vizinhos. Eles são caracterizados por meio de funções exercidas na história, que retratada como uma família comum do interior brasileiro. O filho narrador do conto busca explicações ou mesmo formula hipóteses que possam levá-lo a entender por qual motivo o pai decidiu deixar a família, e tomar uma vida sem rumo no meio do rio.

Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora vivara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficando preto do sol e dos pelos, com aspectos de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia (ROSA, 2001, p. 83)

3.6 O narrador

A narrativa é contada em primeira pessoa, por um narrador personagem, filho do protagonista que narra a história e, ao mesmo tempo, participa dela. No conto, é possível perceber, por meio da narração marcas do regionalismo, de elementos utilizados de maneira subjetiva. Sendo assim, impossível separar os fatos das lembranças baseadas em grandes tristezas vivenciadas pelo filho. Diante da perspectiva ambígua, a narrativa torna-se um relato ao apresentar a história de um pai que partiu para um rio, sem volta.

Guimarães Rosa, propõe-se a aliar culturas, aspectos místicos ao seu conto, a busca por um sentido acaba despertando a curiosidade do leitor. Devido ao conto ser formulado por meio de questionamentos, levantamento de hipóteses sobre a qual todas buscam uma explicação para o desfecho da trama. Esse mistério que engloba o conto, leva o leitor a participar da história, através da narração do filho, sendo assim, possível organizar as contradições feitas na história, o uso de simbologias, uma prevalência da dúvida, e a busca pela libertação do luto que acaba ficando implícito no conto. De acordo com Hansen, 2013:

Com a avaliação, ele propõe, enfim, sua ficção como pratica de um autor e efeito num leitor-produz a forma como indeterminação das mediações lógicas e técnicas das representações que o leitor conhece como critérios para estabelecer a verossimilhança dos textos. É o que acontece com a “Terceira Margem do Rio”, de Primeiras Estórias, quando o narrador vai fornecendo motivações para a ação do pai e simultaneamente as elimina deixando o leitor no ar. Mas adverte “A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de toda a gente.” “Aquilo que não havia, acontecia”, evidenciando a funcionalidade do procedimento de narrar a nu, sem motivação, que pode remeter a leitura para convenções antigas do gênero e também para o arbitrário e moderno do ato da invenção (HANSEN, 2013, p128).

3.6 O espaço no conto

Para Dimas (1987), seu estudo parte do princípio de que o espaço é denotado e explícito, e a ambientação é conotada e implícita. Parte da realidade mais sendo possível alcançar várias dimensões simbólicas. Em “A terceira margem do rio”, esse espaço pode ser caracterizado pelas três margens que possuem aspectos diversos. As duas margens são concretas e denotativas, mas a terceira é conotada e está implícita na história. Mas, segundo Galvão (1978):

[...] A Terceira margem do rio é a que não é. Um rio é constituído por duas margens, ao lado de cá e a do lado de lá, que reciprocamente se remetem. Entretanto, entre elas corre o rio, imagem da continuidade, e no rio navega uma canoa, imagem descontinuada. A passagem do tempo é insignificante para o rio, e fundamental para a canoa e seu ocupante (GALVÃO, 1978, p.37).

Guimarães Rosa ressalta no conto a reconfiguração de um quadro familiar relativamente normal, formado por pai, mãe, filho e assim sucessivamente. O autor não faz uma descrição detalhada, devido ao fato de a narrativa ser um conto. Os personagens são caracterizados a partir de aspectos comportamentais e suas características físicas. Lins (1976) reforça a hipótese de que o autor transmite os recursos expressivos por meio da conotação.

Para nossa aferição do espaço, levamos a nossa experiência do mundo, para ajuizar sobre a ambientação, onde transparecem os recursos expressivos do autor, impõe-se um certo conhecimento da arte narrativa. (LINS, 1976, p.77 apud Dimas, 1987, p. 20)

A pós a saída do pai, uniram-se várias pessoas e foram até a fazenda, a fim de tentar ajudar a família; com isso o filho torna-se um segundo protagonista da trama. Quando decide ficar e não se afastar do pai, encoraja-se para trocar de lugar com o pai e assim sendo, seguir a mesma trajetória dele.

A figura do personagem-pai, caracterizada pelo filho como

[...] desde moço, havia sido menino calmo, nem triste, era somente mais quieto.

Essa característica de ser introspectivo marca marcando o filho narrador por todo o desfecho da trama, desde quando resolver mandar fazer uma canoa sem se comunicar com a família, até o momento em que abandona tudo para viver em uma canoa em meio a um rio sem ao menos se despedir da família.

Na história é possível ressaltar características bastantes pertinentes, sobre Guimarães Rosa. O uso da ambiguidade em determinadas relações de conflito, leva o leitor a buscar novas formas de interpretação através das relações familiares. A personalidade rija da mãe, o pai silencioso e insólito, e o filho emotivo, são as pistas de situações que na maioria das vezes não existe ou não estão transparentes no conto. Quando o pai sai de seu ambiente familiar para um não lugar, no qual seria o rio no qual ele manteria o isolamento, em busca de sabedoria, ele está fugindo do real, e partindo-se para uma realidade criada por ele.

3.7 O tempo no conto

A Terceira Margem do rio é dividida em dois tempos: o cronológico e o psicológico. Durante a maior parte do conto o tempo da narrativa é psicológico, devido ao fato de o personagem-filho ser também o narrador do conto e passar por diversas situações em sua vida até o seu amadurecimento. O narrador inicia a narrativa enfatizando a partida do pai, antes mesmo de ele sair de casa. O tempo é também considerado psicológico, pois na maioria das vezes retrata a emoção e sentimento, como exemplo no conto o pai e o filho narrador observador.

Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora vivara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficando preto do sol e dos pelos, com aspectos de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia (ROSA, 2001, p.83)

Por meio da narração do filho é perceptível observar que o conto percorre vários anos, desde a partida do pai, até o seu envelhecimento, juntamente com o amadurecimento do narrador. A época em que a história se passa não é possível descreve-la.

3.8 A linguagem do conto

Nosso pai era homem cumpridor...

A palavra cumpridor, adjetivo, normalmente é usada na língua como uma expressão que exige um complemento nominal: cumpridor de quê? . De seus deveres e obrigações. Mas neste trecho, é usada como uma palavra intransitiva, o que amplia seu significado, para cumpridor de tudo.

Do que eu mesmo me alembro...

Este não é um neologismo, mas, sim, um arcaísmo. No Português arcaico, o verbo lembrar tinha esse prefixo. Pode-se lembrar os belíssimos versos de “Os Lusíadas” de Camões, que usa o verbo “alevantar”:

Cessa tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta (CAMÕES)

Como Rosa precisa representar a linguagem do sertanejo, usar a forma arcaica foi um recurso estilístico.

Ele não figurava mais **estúrdio** nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos.

A palavra estúrdio, segundo o Dicionário Houaiss (2011) é um regionalismo de Minas Gerais e interior de São Paulo, que “[...] que denota estranheza, esquisitice (diz-se de qualquer coisa); incomum, esquisito”. Ou seja, o pai não era diferente de ninguém, era um homem comum, até que resolveu empreender a grande viagem rio acima e rio abaixo, para conhecer-se, encontrar-se. Aí, tornou-se verdadeiramente estúrdio.

Emprego de artigo definido à frente de adjetivos indefinidos, como: “as muitas pessoas”, “o parente nenhum”. Essas formas o autor utiliza para marcar o coloquial do falar sertanejo. Para descrever seus personagens e lugares, o autor utiliza da aliteração: “Existisse, viesse! Chegasse para desenlace desse passo.”

Algumas figuras de linguagem puderam ser percebidas:

Gradação: “Cê vai, se fique, você nunca volte”.

Reiteração: [...] e, eu rio abaixo, rio afora, rio adentro, o rio”, [...]

Rimas: [...] “o de sua filha Glória, Santa Nininha [...]

Silepse de número: “A gente, vamos embora, morar na cidade grande”.

Rupturas Sintáticas: “Dono dele nem sei quem for”.

Antítese e pleonismo: “**Perto e longe** de **sua família dele**”, a presença da metafórica do rio nesta frase.

A sintaxe foi recriada de maneira insólita, exemplo:

Não fez a alguma recomendação,

Nosso pai se desaparecia para outra banda aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos. E o mato, e só ele conhecesse, a palmas a escuridão, daquele.

O grande número de diminutivos empregados no conto, são empregados com o objetivo de causar efeito terno, meigo, frágil, infantil e carinhoso. São elas: pamoinha, gentezinha, brejeirinha, entre outras.

Há presença de frases curtas. muitas vezes com sentido completo breve e com precisão, levam o nome de aforismo. O conto conta também com frases coordenadas, independentes, dão um ritmo lento e pausado à leitura:

Viver é muito perigoso

O senhor sabe o que é silêncio é? É a gente demais.

Ele me escutou.

Ficou em pé.

Rosa, utiliza os neologismos construídos por meio da invenção de palavras por aglutinação, composição ou por adaptação de palavras de origem estrangeira, são elas:

Diluso (pode ser variante da palavra diluto, diluído),
Nonada (não + nada).

Observa-se a passagem do tempo narrativo, para o mostrativo:

Aquilo que não havia, acontecia

O emprego do particípio do verbo ser, em sentido passivo, observada no primeiro parágrafo:

Sido assim desde mocinho.

Há ainda uma ressalva no eco da voz sertaneja ouvida em cada palavra, é possível observar na frase

Manejou remo n'agua, proava para cá, concordando

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo estabelecido pelo narrador- personagem em “A Terceira Margem do rio” relata as lembranças vividas por ele ao longo de sua vida, carregadas de possibilidades e de impossibilidades de interpretação e de imaginação. Essas lembranças produzem sofrimento e dor na vida do personagem-filho e, assim, conseqüentemente ele não consegue superar essa dor e seguir sua vida adiante, como é o caso dos demais personagens. Esse mundo metafísico apresentado por Rosa leva os personagens a reagirem de formas distintas, com verdades individuais.

Esta obra é rica na linguagem criativa, possui marcas de oralidade, presença do regionalismo incorporado nesta obra de cunho ficcional. O autor não busca explicar o enigma do conto, mas sim, alimentá-lo para que ressurgam várias possibilidades de interpretação e de imaginação, motivando diversos pontos de vista sobre o tema. É possível perceber que o autor leva em consideração na obra características universais e transcendentais, por não estar preso em nenhuma escola literária específica.

REFERÊNCIAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023, de 21.11.2018. Informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Rio de Janeiro, 2018.

DIMAS, Antônio. **Espaço e romance**. 2.ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. **O conto**. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/o-conto-suas-demarcacoes-.html>

FOETSCH, Dirce Maria; SANTOS, Edson. **Gostar de ler**: uma abordagem do gênero literário conto. In: os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Curitiba, 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/>

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do Conto**. 8.ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

HANSEM, J.A. Formas literárias e críticas da lógica racionalista em Guimarães Rosa. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v.47, n.2, p.120-130, abr/jun.2012

NUNES, Benedito, **O dorso do tigre**. 2.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976

ROSA, João Guimarães. “A terceira margem do rio”. In: ROSA, J.G. **Primeiras estórias**, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001

SPERBER, Suzi Frank. **Caos e Cosmos**: Leitura de Guimaraes Rosa. São Paulo: Duas Cidades, 1976

Outros sites consultados:

<https://www.passeidireto.com/arquivo/1918923/a-semiotica-triadica-de-peirce> acesso 19/09/20

<https://www.culturagenial.com/a-terceira-margem-do-rio-de-guimaraes-rosa/> acesso em 11/11/20

ANEXO 1 O conto “A terceira margem do rio”, de João Guimarães Rosa

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a ideia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou:

— “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!”

Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei:

— “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para. estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho.

Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele. As vozes das notícias se dando pelas certas pessoas — passadores, moradores das beiras, até do afastado da outra banda — descrevendo que nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, solto solitariamente. Então, pois, nossa mãe e os aparentados nossos, assentaram: que o mantimento que tivesse, ocultado na canoa, se gastava; e, ele, ou desembarcava e viajava s’embora, para jamais, o que ao menos se condizia mais correto, ou se arrependia, por uma vez, para casa.

No que num engano. Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a ideia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava. Depois, no seguinte, apareci, com rapadura, broa de pão, cacho de bananas. Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao-longe, sentado no fundo da canoa, suspendida no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal. Mostrei o de comer, deposei num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso, que fiz, e refiz, sempre, tempos a fora. Surpresa que mais tarde tive: que nossa mãe sabia desse meu encargo, só se encobrando de não saber; ela mesma deixava, facilitado, sobra de coisas, para o meu conseguir. Nossa mãe muito não se demonstrava.

Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o ‘dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmos, a escuridão, daquele.

A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me

achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele aguentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos — sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso. Mas não armava um foguinho em praia, nem dispunha de sua luz feita, nunca mais riscou um fósforo. O que consumia de comer, era só um quase; mesmo do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável. Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes, no subimento, aí quando no lanço da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvore descendo — de espanto de esbarro. E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos.

Minha irmã se casou; nossa mãe não quis festa. A gente imaginava nele, quando se comia uma comida mais gostosa; assim como, no gasalhado da noite, no desamparo dessas noites de muita chuva, fria, forte, nosso pai só com a mão e uma cabaça para ir esvaziando a canoa da água do temporal. Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pelos, com o aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia.

Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: — “Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim...”; o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade. Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse. Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele o neto. Viemos, todos, no barranco, foi num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados.

Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio no ermo — sem dar razão de seu feito. Seja que, quando eu quis mesmo saber, e firme indaguei, me diz-que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa. Mas, agora, esse homem já tinha morrido, ninguém soubesse, fizesse recordação, de nada mais. Só as falsas conversas, sem senso, como por ocasião, no começo, na vinda das primeiras cheias do rio, com chuvas que não estíavam, todos temeram o fim-do-mundo, diziam: que nosso pai fosse o avisado que nem Noé, que, por tanto, a canoa ele tinha antecipado; pois agora me entrelembro. Meu pai, eu não podia malsinar. E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos.

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice — esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrengue de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. E fui tomando ideia.

Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — “Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...” E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n’água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me

tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio adentro — o rio.